

A INTERIORIZAÇÃO DA INDÚSTRIA BRASILEIRA:

O Caso do Processamento de Soja.

Savio Rafael Pereira (1)

Na busca de proximidade com os mercados consumidores e centros portuários, a indústria brasileira tendeu sempre a se concentrar na faixa costeira do país. E, regionalmente, o eixo São Paulo-Rio de Janeiro se tornou o pólo aglutinador da indústria e do emprego urbano no Brasil. Influíram, também, naquela concentração os elevados custos de transporte, devido à insuficiente infra-estrutura viária (problema ainda existente e agravado nos últimos dez anos, embora a situação não seja a de total carência, como ocorria até a década de 50).

As conseqüências deste cenário são bastante conhecidas: severa deterioração do meio ambiente e qualidade de vida nos centros urbanos, forte concentração populacional provocando colapso nos serviços, além do aumento sem precedentes da violência, entre tantos outros.

As tentativas para reverter esta situação sempre foram no sentido de concessão de amplos incentivos fiscais e financeiros para criação de pólos industriais fora daquele eixo de influência. E, até o momento, exceto no interior de São Paulo e por razões muito específicas, as intenções não se materializaram. Mesmo a Zona Franca de Manaus, com todos os incentivos fiscais, subsídios e benefícios artificiais existentes, passa por sérias dificuldades, devido à simples abertura da economia.

Como uma das exceções neste quadro, juntamente com outros setores da agroindústria, o processamento de soja mostrou-se não só viável e competitivo, como efetivamente interiorizou a industrialização e o desenvolvimento. Inclusive em regiões que até uma década atrás eram praticamente desconhecidas do país, como Barreiras, na

Bahia.

Para a agroindústria de soja a garantia de abastecimento de matéria-prima é talvez o fator mais importante na determinação de sua localização. Primeiro porque estas indústrias trabalham com margens bastante apertadas, em alguns momentos até negativas, e grandes volumes. A necessidade de terem armazéns próximos à origem, assim como uma boa estrutura de compras, torna sua localização no interior mais econômica. Segundo, porque o escoamento do farelo e óleo, produtos com maior valor agregado, é mais econômico do que o transporte do grão.

Assim, a expansão da lavoura rumo ao Centro-Oeste foi fator decisivo na implantação da agroindústria nesta região do país. Na safra 80/81, o cerrado respondia por 15% da produção nacional, participação que cresceu para 45% em 91/92. Até 1982 o processamento de soja na região se resumia a uma fábrica em Uberlândia, que, após operar com caroço de algodão, foi transformada para soja. Hoje são vinte e cinco indústrias: uma no Distrito Federal, uma em Pernambuco, que utiliza matéria-prima do cerrado, duas na Bahia, três em Minas Gerais, seis em Goiás, três em funcionamento e mais duas que operarão já em 1993 no Mato Grosso e sete no Mato Grosso do Sul.

(1) Coordenador de Economia e Estatística da ABIOVE.

As principais conseqüências da interiorização da agroindústria da soja são:

- Além da criação de emprego especializado nestas regiões, evita-se o inchaço das grandes concentrações industriais, pois a agroindústria e agricultura modernas fixam a mão-de-obra no campo.

- A disponibilidade de farelo de soja e milho, principais componentes das rações modernas, induz à integração mais completa do parque agroindustrial da região, com a produção local de proteína animal. No interior de toda a Região Centro-Sul do país, existe hoje uma moderna e competitiva indústria avícola e suíncola totalmente integrada ao processamento da soja. No Centro-Oeste e mesmo no Nordeste, as perspectivas do crescimento desta indústria se tornaram muito próximas depois da implantação do complexo soja.

- A industrialização da soja no Centro-Oeste favorece também as regiões Nordeste e Norte, que ficaram mais próximas do pólo de produção.

- O agricultor, mola propulsora do processo, é também beneficiado devido a um escoamento mais racional de sua matéria-prima. Até 1988, quando ainda não existia esmagamento de soja no Mato Grosso, o diferencial dos preços pagos ao produtor de Rondonópolis (MT) e Passo Fundo (RS) era de US\$ 2,23 a saca. Hoje essa defasagem está reduzida a US\$ 0,90 a saca, graças à presença da agroindústria.

- O diferencial de preços do óleo de soja, ao consumidor, foi expressivamente reduzido entre as

regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste do país.

Apesar das evidentes vantagens mostradas acima, a situação da industrialização da soja no Brasil é hoje difícil, devido à retração econômica interna, tributação excessiva, infra-estrutura viária e portuária precárias e concorrência desleal de outros países. Em 1981, foram processadas 13,8 milhões de t de soja no país, enquanto em 1991 este volume permanecia em 13,1 milhões de t. Isto para uma capacidade produtiva de 30 milhões de t. São hoje 140 fábricas em todo o país, das quais 36 encontram-se definitivamente fechadas e outras 25 sem perspectivas de voltarem a operar. Isso porque a expansão da produção no Centro-Oeste foi acompanhada da redução no Sul. Neste mesmo período, a Argentina aumentou seu esmagamento de 700.000 t para 7,5 milhões de t.

A ociosidade na indústria processadora de soja, que atingiu uma média de 50%, é elevada para até 80% no pico da entressafra. Na verdade, o problema não é superdimensionamento ou excesso de investimentos por parte do setor agroindustrial, mas sim insuficiente produção de soja em grão. Existe potencial de expansão de mercado para o óleo e o farelo. Portanto, os aumentos de produção de matéria-prima terão absorção tranqüila e garantida por parte da agroindústria. São dez mil empregos diretos perdidos apenas nas indústrias paradas. O alto custo da estocagem no país, aliado à facilidade de exportação de matéria-prima faz com

que a nossa indústria deixe de operar, beneficiando principalmente a indústria européia.

É importante salientar que a indústria européia, ao importar nossa matéria-prima e beneficiá-la, conta, posteriormente, com grandes subsídios na exportação do óleo vegetal e proteína animal para os mercados que o Brasil conquistou com grandes dificuldades. Obviamente que esta concorrência desleal acaba implicando menores preços aos nossos agricultores.

A tributação das exportações de farelo e óleo de soja é, na verdade, um fisco da renda da agroindústria e do agricultor, já que os preços internacionais não absorvem nossos impostos. Uma queda na safra de 23,7 milhões de t para 15,7 milhões como ocorreu entre 1989 e 1991 significou uma perda direta de mais de US\$ 250 milhões em impostos. Desta forma a fome arrecadatória dos estados ameaça exaurir a base de tributação, tendo efeito contrário, além de naturalmente afetar o emprego e a produção do setor. Na verdade o ICMS é apenas o mais visível dos impostos, já que outras taxas e contribuições, que vão desde a classificação obrigatória de produtos agrícolas, até taxas de pesagem e quantificação nos portos, oneram o setor.

Como indústria do interior do país e também como grande exportador, o setor é também prejudicado por duas deficiências básicas na infra-estrutura: transporte e portos, apenas pela ineficiência portuária estima-se que um produtor rural com 500 ha de soja perde o equivalente a US\$ 8.000 por ano.